

A TRADUÇÃO JURÍDICA COMO FENÔMENO DE CONTATO LINGUÍSTICO

Winston Carlos Martins Júnior

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Mônica Savedra

Mestrando

RESUMO: Embora se constitua como ciência autônoma, a Tradução vem sendo predominantemente trabalhada e estudada no âmbito da Literatura. O presente trabalho, todavia, busca demonstrar que a Tradução (inclusive aquela de textos jurídicos) também pode ser analisada desde uma perspectiva linguística – mais especificamente, a partir do Contato Linguístico. Para tanto, partir-se-á da definição deste último proposta por Uriel Weinreich, a fim de defender sua ocorrência na mente do tradutor. Ademais, pretende-se explanar, com apoio em Boas, Humboldt, Sapir e Whorf, que a linguagem exerce uma importante influência na visão de mundo do ser humano, o que influi diretamente na forma como o tradutor compreende o mundo à sua volta e, também, como interpreta a língua estrangeira no exercício de seu ofício. A partir disso, será estabelecido um paralelo no que tange à língua de um jurista, sua visão de mundo e seus conhecimentos referentes ao ordenamento jurídico com o qual trabalha, com o intuito de demonstrar que o seu sistema jurídico pátrio determina sua forma de compreender o tratamento legal de fatos da vida e o modo como interpreta as regulamentações de tais situações feitas por ordenamentos estrangeiros. Por fim, este trabalho defende que um tradutor jurídico é tão influenciado por seu ordenamento jurídico pátrio quanto um tradutor de textos literários o é por sua língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: Contato Linguístico; Tradução Jurídica; Visão de Mundo.

Introdução

Na atualidade, a Tradução vem cada vez mais sendo estudada como ciência autônoma, ainda que, muito frequentemente, seja trabalhada também no âmbito da Literatura. Entretanto, o presente trabalho busca explanar como a Tradução também

pode ser investigada a partir de uma perspectiva da Linguística – a partir do Contato de Línguas.

A fim de atingir tal desiderato, optou-se por partir da definição de Contato proposta por Uriel Weinreich, de modo a propugnar sua ocorrência na mente do falante bilíngue (e, também, na do tradutor). Em seguida, objetiva-se buscar apoio em autores que tratam da relação entre língua e visão de mundo (aqui, falaremos de Boas, Humboldt, Sapir e Whorf), no intuito de demonstrar que a linguagem influencia sobremaneira a forma como uma pessoa vê o mundo ao seu redor, o que causa reflexos na forma como o tradutor entende o mundo real e, também, como ele vislumbra a língua estrangeira ao exercer seu ofício.

Seguindo por esse caminho, busca-se estabelecer uma relação entre a língua de um jurista, sua visão de mundo e seus conhecimentos do ordenamento jurídico no qual exerce sua profissão. Com isso, pretende-se demonstrar que o sistema jurídico pátrio determina a forma de um estudioso do Direito de compreender o tratamento legal de fatos da vida e o próprio modo como ele interpreta as soluções jurídicas dadas a tais situações por ordenamentos estrangeiros. Por fim, quer-se aqui defender que um tradutor jurídico é influenciado por seu ordenamento pátrio, como um tradutor de textos literários o é por sua primeira língua.

A Definição de Contato Linguístico

Logo no início de seu livro *Sprachkontaktforschung*, Claudia Riehl aborda duas concepções acerca do *locus* do Contato Linguístico (2009: 11). Como ela afirma, a definição original do termo remonta a Uriel Weinreich (1953:1): para ele, o contato linguístico ocorreria na mente do indivíduo bilíngue, quando este utilizasse dois idiomas alternadamente. Entretanto, tal posição não é a única, pois recentemente outros autores (a exemplo de Thomason: 2001) passaram a defender a opinião de que não seriam as línguas que entrariam em contato, mas seus falantes, de modo tal que os *loci* poderiam ser também sociedades ou grupos, o que implicaria uma definição sociolinguística do termo.

Ambas as posições merecem respeito. É inegável que, como Weinreich muito bem observou, o contato linguístico ocorre na mente do falante. Um indivíduo bi- ou plurilíngue irremediavelmente sofrerá interferência de um idioma em outro em variados

níveis, como o mencionado autor explicita em seu livro. Ainda que tal pessoa não possua contato frequente com falantes de outra língua e que seu conhecimento das línguas se restrinja ao âmbito da leitura, não é difícil observar empiricamente que as estruturas de uma língua, ainda que em nível instrumental, influenciam e são influenciadas pelas outras que ele possui.

Por outro lado, no presente contexto mundial de globalização, marcado por rápidas transformações e trocas de bens, serviços e valores, além, é claro, das migrações frequentes, seja por motivos profissionais ou como decorrência da fuga de países marcados por guerras (a exemplo do contexto europeu atual), não é possível também menosprezar as situações em que indivíduos falantes de idiomas diferentes entram em contato e, conseqüentemente, provocam e sofrem interferências linguísticas em suas falas. Ainda que seja possível analisar o efeito interno na mente de um falante que a exposição a falantes de outras línguas lhe traz, não faz sentido ignorar o aspecto sociolinguístico do contato, pois ele pode trazer inúmeras explicações que a mera análise psicológica não seria capaz de fornecer.

Em vista disso, volta-se irremediavelmente à questão da delimitação teórica. A fim de se estudar o contato linguístico, parece ser razoável, antes de tudo, que o pesquisador indague *qual tipo* de contato ele planeja investigar. Pelo que se observa, não faz sentido defender uma definição única de contato linguístico: tal como a linguagem humana, o contato se manifesta de formas múltiplas e restringi-lo a uma ou algumas hipóteses específicas significaria analisar a realidade de um modo simplista e artificial.

Tradução e Contato Linguístico

A fim de se justificar o estudo da tradução dentro da perspectiva de línguas em contato, opta-se aqui por partir de Weinreich, com seu axioma de que o contato linguístico ocorre na mente do indivíduo bilíngue, a fim de afirmar que, quando o tradutor utiliza seus conhecimentos linguísticos para traduzir um texto de um idioma a outro, essas línguas estão entrando em contato em sua mente.

Língua e Visão de Mundo

A seguir, buscar-se-á explicar diferentes posições acerca da relação entre língua e visão de mundo. Nesse sentido, serão observados os posicionamentos de quatro teóricos que se debruçaram sobre o tema: Franz Boas, Edward Sapir, Benjamin Whorf e Wilhelm von Humboldt.

Franz Boas

Para que se compreendam devidamente os caminhos tomados por Franz Boas em suas investigações, é necessário saber sua principal motivação: desacreditar a relação entre raça e língua (Underhill, 2009: 21). Boas nasceu por volta da metade do século XIX, um momento marcado por uma lógica determinista que visava a provar, a qualquer custo, que características biológicas influenciavam em comportamentos ou caracteres psíquicos.

Boas, entretanto, ia na contramão de tal pensamento, negando categoricamente qualquer relação entre características físicas e comportamentos de um povo. Em decorrência disso, ele refutou a hipótese de que a língua determina a cultura, ainda que vislumbrasse a importância da relação entre ambas (idem).

Apesar disso (e é isto que nos interessa), Boas estava convencido de que todas as línguas dividem a experiência em classificações conceituais que variam de língua para língua (idem). De acordo com ele, as categorias gramaticais das línguas nos levariam a ver o mundo organizado segundo determinados grupos conceituais (ibidem: 24). Em outras palavras, a gramática influenciaria diretamente nossa forma de compreender o mundo.

Ademais, Boas também defendia a unidade dos processos psicológicos fundamentais, ou seja, que todos os indivíduos possuem a mesma habilidade e performance, que é idêntica em todas as culturas (ibidem: 23). O que diferenciaria os indivíduos seria as tradições das quais eles advêm.

Edward Sapir

James Underhill, em seu livro *Humboldt, Worldview and Language* afirma ser surpreendente que um pensador com a versatilidade de Sapir seja reduzido ao parceiro minoritário na Hipótese de Sapir-Whorf (2009: 26).

Sapir parte do indivíduo para analisar a interação social. Para ele, as representações que se constrói de pluralidades são sempre decorrentes de modelos individuais (idem). Assim, a língua é sempre um guia para a realidade social, de modo tal que o “mundo real” pode apenas ser compreendido a partir da linguagem. De fato, segundo Sapir, o “mundo real”, em grande medida, é construído inconscientemente a partir de hábitos linguísticos do grupo (Sapir 1985: 162 apud Underhill 2009: 27).

Desse modo, os mundos em que as diferentes sociedades vivem são, de fato, mundos diferentes, não apenas o mesmo mundo com rótulos distintos (idem). Disso decorre um posicionamento bastante interessante: de acordo com Sapir, as línguas não são diretamente traduzíveis, mas apenas vagamente equivalentes entre si (ibidem: 28).

É interessante notar que Sapir segue a esteira de Humboldt, como se mostrará mais à frente, ao defender que o ser humano apenas adquire uma noção do que considera o mundo real a partir da estrutura da linguagem. Ademais, essa influência vai mais além, pois Sapir é o primeiro teórico depois de Humboldt a vislumbrar uma relação de mão-dupla entre língua e visão de mundo (ibidem: 32).

Benjamin Lee Whorf

Quando o nome de Benjamin Whorf é mencionado, imediatamente se pensa na famosa hipótese que levou seu nome e o de Sapir. Contudo, é preciso que se tome bastante cuidado com a noção que se tem do autor.

Whorf foi bastante influenciado por Boas e Sapir, e seu trabalho tem por principal escopo buscar compreender como as noções de espaço, tempo e matéria se concebem na linguagem (Underhill, 2009: 35). Tal autor tinha o desejo de conhecer outras línguas para entender como elas fazem sentido do mundo. Em uma palavra, ele queria penetrar o “*thought world*” de outras civilizações. De acordo com tal autor, ao tentar entender línguas exóticas, nós seríamos forçados a reavaliar as categorias conceituais de nossa língua.

Whorf vislumbrava os mecanismos de uma língua como limites a serem transpostos; para ele, o ser humano deveria conhecer sempre mais línguas, a fim de compreender diferentes *thought worlds* e, assim, obter um conhecimento cada vez mais amplo do real.

A famosa Hipótese de Sapir-Whorf está contida num artigo de 1940 publicado por Whorf, no qual o autor defende que a língua determina inexoravelmente como o ser humano compreende a realidade. Ele chega ao ponto de afirmar que, a depender da língua de um indivíduo, ele seria mais ou menos de compreender determinados conceitos.

Todavia, James Underhill alerta para uma interpretação equivocada que se faz de Whorf: para Underhill, é preciso que se interprete o artigo de Whorf em conjunto com suas demais obras, e não de forma isolada. Whorf não considera a língua uma prisão em seus outros escritos, embora essa seja a impressão que tal artigo passa ao leitor (Underhill, 2009: 48).

Wilhelm von Humboldt

A nossa ver, foi o autor austríaco Wilhelm von Humboldt quem melhor elaborou a relação entre língua e visão de mundo.

De fato, Humboldt cunhou dois termos para visão de mundo: *Weltansicht* e *Weltanschauung*, os quais, no século XX, foram muitas vezes confundidos. Segundo tal autor, *Weltansicht* se refere a forma como a língua “molda a perspectiva e a concepção que nós temos do mundo e, em grande medida, a forma como negociamos nosso caminho ao longo do curso da vida numa base diária enquanto conversamos com outras pessoas” (Underhill, 2009: 17, minha tradução). *Weltanschauung*, por outro lado, diz respeito a uma posição pessoal, uma visão de mundo muito mais intuitiva do que uma filosofia. O termo, com o tempo, tornou-se sinônimo de ideologia (ibidem: 16).

Além disso, para Humboldt, a língua é imprescindível para o processo de percepção, pois é apenas por meio dela que objetificamos o mundo exterior. (Underhill, 2009: 69). Nesse sentido, cada língua conceitua os objetos da realidade de forma diferente, de modo que é possível afirmar que a língua influencia a própria forma como compreendemos o mundo (ibidem, 71).

É importante observar que Humboldt lança mão de um relativismo (ibidem, 73). Para ele, o mundo real existe por si só, independentemente da linguagem. Tal posicionamento difere, por exemplo, de Sapir, mencionado acima, para quem os mundos variam com as sociedades. Humboldt, por seu turno, não nega a existência de

um mundo fora da língua. Entretanto, ele afirma que todas as nossas tentativas de compreender tal mundo se dão por meio da linguagem.

Ademais, a decisão do autor de atrelar o indivíduo à língua tem consequências bastante interessantes em sua teoria: se a língua parte do indivíduo e se nós compreendemos o mundo indelevelmente com toques de subjetividade, é possível dizer que cada pessoa é um aspecto único da visão de mundo (ibidem, 85). Para Humboldt, a criatividade dos indivíduos, em especial poetas e filósofos, é essencial para o desenvolvimento de uma língua. A língua, assim, apenas se desenvolve pelo indivíduo, pois é “expressão contínua de necessidades individuais” (ibidem, 93).

Diante disso, é possível concluir, grosso modo, que a língua reflete e molda nossa experiência do mundo. Ela forma o caráter de uma nação e sua visão de mundo. Em contrapartida, ela é influenciada e moldada pelos esforços intelectuais criativos dos falantes individuais. É de se notar que Humboldt, já no século XVIII, vislumbrava a relação entre língua e visão de mundo como uma via de mão dupla.

Língua, Conhecimento Jurídico e Tradução Jurídica

O que se pretende neste trabalho é realizar uma comparação entre os conhecimentos jurídicos de um jurista e uma língua. Da mesma forma que se considera que uma língua molda a forma como o indivíduo compreende a realidade, considera-se aqui que os conhecimentos de um jurista sobre o ordenamento jurídico de seu país moldam a forma como ele compreende o Direito como um todo.

Transportando isso para o campo da Tradução Jurídica, é possível concluir que, se um tradutor é influenciado no seu ofício por sua língua e (o que decorre dela e a influencia) sua visão de mundo, o mesmo ocorre com um tradutor jurídico. Seus conhecimentos jurídicos de seu ordenamento jurídico pátrio influenciam a forma como ele compreende e observa o ordenamento jurídico estrangeiro.

Considerações Finais

Diante de tudo o que se expôs no presente trabalho, busca-se defender que é possível justificar o estudo da Tradução (inclusive, aquela de textos jurídicos) no campo do Contato Linguístico. Para tanto, basta que se reporte a Weinreich (1953). Ademais, é possível também afirmar que, da mesma forma que um tradutor literário é influenciado

em seu ofício por sua própria língua e cultural, o tradutor jurídico, ao analisar o Direito estrangeiro, também o é por seu Direito pátrio.

REFERÊNCIAS

RIEHL, Claudia Maria. **Sprachkontaktforschung: Eine Einführung**. 2. ed. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 2009.

THOMASON, Sarah G. **Language Contact: An Introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

UNDERHILL, J. **Humboldt, Worldview and Language**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

WEINREICH, U. **Languages in Contact: Findings and Problems**. New York: Mouton Publishers, 1953.

WHORF, Benjamin Lee. **Science and Linguistics**. 1940. Disponível em: <<http://web.mit.edu/allanmc/www/whorf.scienceandlinguistics.pdf>>. Acesso em: 08 ago. 2017.